

# Um garoto espancado, sem tolerância

*Agredido na Passarela da Alegria por 4 PMs, o estudante Michail Athanase está com o rosto dilacerado e perdeu dois dentes*

Marcelo Abreu  
Da equipe do **Correio**

Por desobedecer a um policial militar, o estudante Michail Athanase, de 18 anos, pagou caro. Está com o rosto dilacerado, vários pontos pela cara, menos dois dentes na boca — um inferior e outro superior —, arranhões e hematomas pelo corpo todo.

Michail conta que na madrugada de quarta-feira, por volta das 2h — fim da folia na Passarela da Alegria, — andava de bicicleta com um amigo no meio da Baratona, quando foi abordado por um PM. “Ele me disse que ali não lugar pra andar de bicicleta. Eu saí e chamei meu amigo para ir embora”, afirma o rapaz. Era, porém, a segunda vez que o rapaz passava pelo mesmo local.

Quando os dois amigos iam embora — ainda segundo Michail — quatro policiais os seguiram no carro da polícia. Eles tentaram correr. Em vão. A altura da Torre de TV, perto da lanchonete McDonald's, os policiais os alcançaram e desceram do carro. Começou a sessão de espancamento. Virou filme de terror.

“Me bateram muito, me chutaram e esmurram minha cara. Desmaiei. Meu amigo saiu correndo”, conta Michail. E continua: “Os mesmos policiais que me espancaram ainda me levaram ao Hran (Hospital Regional da Asa Norte). Me largaram na porta, disseram que eu tinha caído de bicicleta e foram embora.”

Uma testemunha anotou o número do carro da polícia que levou o garoto ao Hran. “Na viatura estava escrito ‘BPM’ e o número 421. O nome

de um deles era Humberto, estava no uniforme”, diz um cunhado de Michail. “Além de espancaram meu filho, eles ainda mentiram no hospital”, revolta-se a mãe, a dona-de-casa Olandir Vidal, de 54 anos.

Lá, o rapaz, que mora na Asa Norte, foi socorrido e liberado por volta das 6h da manhã de ontem. “Quando vi meu filho naquele estado não acreditei”, descontrola-se Olandir. Imediatamente, ela foi com o filho para a 2ª Delegacia de Polícia e depois

ao Instituto de Medicina Legal (IML), para exame de corpo de delito. O laudo será anexado ao inquérito na 2ª DP.

Por ter levado pontos na língua, Michail fala com dificuldade. Reclama de dores pelo corpo. O rosto está irreconhecível. Terá que tomar anti-inflamatórios e

provavelmente ficarão muitas cicatrizes. Ele chora. Jura que não tentou desobedecer nem desafiou os policiais. “Só estava indo embora com meu amigo”, garante.

## ATÉ O FIM

Depois do susto, a revolta. Olandir está inconformada com o que houve com o filho. “Agora, vou até o fim e não vou me calar. Tem injustiça nesse país porque as pessoas não têm coragem de denunciar. Um policial desse é um bandido”, chora a mãe, tentando consolar o filho. E pergunta: “Como a polícia, que é paga para proteger a população, bate e espalha o medo...”

Para o assessor de comunicação da Polícia Militar, coronel Celso Daier Gomes, o episódio — fato isolado neste carnaval — foi lamentável. “Colocamos 6.700 homens para fazer a segurança e o resultado foi satisfatório. Um fato desse só prejudica a confiança e a imagem que as pessoas têm da polícia. Aí, temos que começar o trabalho do zero.”

Daier adiantou que o chefe do Estado Maior, coronel Dirnei Arno Ferreira, determinou que a Corregedoria da PM apurasse o caso “com rigor”. As investigações começaram ontem mesmo.

E acrescenta: “Se confirmada a culpa do(s) envolvido(s), o policial será expulso”. Mas explica: “Se o policial tiver menos de dez anos de corporação, a expulsão é imediata. Se mais de dez, será submetido ao Conselho de Disciplina da PM, que lhe dá direito à defesa. Chocado, o major Daier repreende: “A PM nunca, jamais, tolerou atos de espancamentos.”

## DESEMPREGADO E AGREDIDO

Carlos Moura



Policiais militares espancam o desempregado José Raimundo da Silva, de 38 anos, próximo ao balão de acesso à cidade de São Sebastião. Bêbado, José Raimundo teria machucado o braço de um dos PMs, provocando a reação violenta. Além de socos, chutes e cotoveladas no rosto, José Raimundo teve a cabeça jogada contra a viatura 342 — Radar Móvel. O assessor de comunicação da PMDF, coronel João Coelho Vítola,

garantiu que “em qualquer denúncia ou reclamação é aberto o processo apuratório, mesmo se a vítima não prestar queixa em delegacia. Caso comprovado, após o processo, o responsável pode ser punido ou mesmo excluído da corporação”. No ano passado a Ouvidoria da PM recebeu, em média, três denúncias por dia, a maioria delas relacionadas a casos de abuso de poder e violência policial. Foram 600 sindicâncias, 226 inquéri-

tos e 106 policiais indiciados. Os resultados, no entanto, foram menores: 72 punições disciplinares e quatro processos de deserção. Apenas dois policiais foram condenados. Pesquisa realizada no ano passado pela Universidade de Brasília, a pedido da Polícia Militar do Distrito Federal, apontou a violência e a má formação dos policiais como os maiores problemas da corporação na opinião da comunidade.



Michail conta que estava de bicicleta, não quis sair da Passarela da Alegria e foi agredido